

## Pobreza e desigualdade social estão em queda no Brasil?

Guilherme Delgado\*

O início da coleta de dados para o Censo Demográfico de 2010, coincidindo com o início da campanha eleitoral, suscitou desde logo a inauguração da temporada de análises das tendências demográficas, em especial daquelas que dizem respeito à evolução da pobreza e da desigualdade no Brasil.

Sobre este tema há uma profusão de dados, análises “papers” de toda natureza — na internet, nos “sites” dos institutos de pesquisa, tais como IPEA e FGV, nos muitos artigos da mídia escrita, que aparentemente esgotam o assunto. Mas infelizmente a grande maioria dessas informações, por razões que mais adiante ficarão mais claras, tem dificuldade de separar o fato do factóide, no que concerne à queda da pobreza e da desigualdade. Vejamos qual é o cerne do problema.

Não é novidade a informação de que tem caído o índice de desigualdade da distribuição pessoal da renda. O IBGE registra esta tendência contínua desde 1996, apurada por meio das suas pesquisas anuais PNADS. De 1996 a 2008 o Índice de Gini - que mede a distribuição de renda - cai sistematicamente de 0,580 para 0,515 e aparentemente se mantém neste patamar nas últimas pesquisas.

Também não é novidade a informação de que diminuiu significativamente o número de pessoas com ganhos per capita diários de US\$ 2 — indicador de pobreza adotado a partir dos referenciais do Banco Mundial. Nesta década, mais de 30 milhões de brasileiros ultrapassaram este limite e a prosseguir o movimento atual de “redução da pobreza”, poderíamos chegar até mesmo ao ponto de banir a noção de pobreza, segundo o critério do Banco Mundial — antes do

final desta década.

Podemos concluir que pobreza e desigualdade são assunto superados? Ou que esses efeitos benéficos são obra do governo atual e dos seus programas de “transferência de renda”, como querem nos vender os áulicos oficiais e oficiosos de plantão? Parece-nos que há certo apelo aparentemente fácil para explicar o problema da pobreza e da desigualdade, como se estas questões dependessem das ações pontuais dos governos. Foi assim, por exemplo, no governo Fernando Henrique Cardoso I, que implantou a estabilização monetária do real a partir de 1994/95. Logo em seguida, houve algumas melhorias na política do salário mínimo, levando analistas e empiristas de plantão a “descobrirem” que o programa de estabilização do governo FHC havia mudado a distribuição de renda no Brasil. O governo Lula foi mais feliz para colher frutos e em parte também para semeá-los, no sentido da melhoria igualdade social. Praticou uma política ativa de salário mínimo; experimentou um processo praticamente contínuo de crescimento do emprego formal na economia, que lhe valeu ganhos para melhor distribuição da massa de remunerações do trabalho. Mas isto tudo somente teve eficácia na mudança para melhor da distribuição pessoal da renda do trabalho, graças a eficácia dos direitos sociais constitucionais que — protegem os pobres em situações de risco — Previdência Social, Seguro Desemprego, Assistência Social, Sistema Único de Saúde, Educação Básica e residualmente as ações de transferência voluntária de renda.

Mídias, governo e boa parte dos institutos oficiais e oficiosos especializados em “estudos sociais” tentam passar a mensagem de que as



mudanças para melhor na distribuição da renda são obra das transferências de renda, de caráter voluntário, do governo de plantão e ignoram completamente o papel reestruturador dos direitos sociais. Por esse discurso, não há causas estruturais, mais apenas efeitos benéficos na melhoria da distribuição da renda e na queda da pobreza.

Cabe a pergunta final. Sem sistemas de política social, como àqueles de amplitude e cobertura nacional — Sistema Único de Saúde, Previdência Social, Seguro Desemprego e Educação Básica — e um processo de crescimento da economia, com compromissos de redistribuição dos benefícios, é possível melhorar a distribuição? Ou será que tudo se deveria a uma ação de distribuição voluntário do governo, de um uma fatia de 0,3% do PIB que é gasto com o Programa Bolsa Família, que teria sido capaz de reverter a desigualdade e a pobreza no Brasil. Essa tese esdrúxula, completamente absurda do ponto de vista empírico, racional, do bom senso etc. Vem circulando com enorme desenvoltura na mídia. Em contrapartida a discussão da reforma das políticas sociais e da reforma tributária com vistas à sua efetiva universalização e ampliação da igualdade, merece zero de destaque no debate público.

A conclusão que podemos chegar ao final é de que não obstante melhoras objetivas na igualdade, a mentalidade social dominante não vê com bons olhos e nem planeja necessariamente protegê-la e ampliá-la. Veremos como isto evoluirá politicamente!

\*Economista e pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

## Rhodia Brasil: nadando no lucro!

A recuperação da economia brasileira em 2010, com a previsão de crescimento de 6% a 7% do PIB (Produto Interno Bruto), tem se refletido no bom desempenho das principais indústrias químicas do país neste primeiro semestre. Em todos os balanços foram divulgados, mas tendo por base uma amostra das grandes empresas do setor, podemos concluir que o lucro este ano terá forte elevação. O que configura uma situação favorável para que os trabalhadores químicos reivindiquem melhores salários e maior participação nos lucros e resultados destas empresas.

O exemplo de uma grande empresa que tem se destacado pela elevação do faturamento este ano é a Rhodia, que já planeja novos investimentos. Segundo o Jornal Valor Econômico, a Rhodia elegeu o Brasil e a China para serem as bases de importantes áreas da companhia no mundo. A partir do dia 1º de julho, o Brasil será responsável pelas divisões de fenol (utilizado para produção de resinas) e solventes, área que responde por 50% da receita da Rhodia no país, e também pelo segmento de fibras (fios industriais). "Vamos investir US\$ 200 milhões no país nos próximos três anos. Esse valor, que não inclui aquisições, será para promover o crescimento orgânico da companhia no Brasil", disse ao Valor Jean-Pierre Clamadieu, executivo-chefe e presidente do conselho do grupo químico. Passada a fase turbulenta por conta da crise, a Rhodia agora planeja seu crescimento. Para isso, a companhia decidiu reestruturar seus negócios. O Brasil ficará responsável por duas divisões, a China responderá por uma, os Estados Unidos por outras duas e, a Europa, as seis restantes. A estratégia será descentralizar da matriz as responsabilidades e eleger os países com melhor performance para expandir os negócios. "Brasil e China são países com poder de fogo forte", disse

o executivo do grupo.

As fábricas de fenol e solventes estão instaladas no complexo industrial do grupo, em Paulínia (SP). As unidades da área de fibras estão em Santo André (Grande São Paulo) e Jacareí (SP). A companhia tem contrato de longo prazo com a Braskem (o acordo anterior era com a Unipar) para a compra de cumeno (matéria-prima para a produção de fenol). A produção anual desse insumo gira em torno de 200 mil toneladas e a de solventes em torno de 300 mil toneladas, dos quais 40% são exportados. O solvente é absorvido pelas indústrias tintas, vernizes e couros.

A Rhodia também é a maior compradora de etanol para fins industriais no país. Nesse quesito, Clamadieu reafirmou o interesse da múlti em investir em cogeração de energia a partir da biomassa para abastecer suas unidades no mundo. O Brasil deverá ter investimentos nesse sentido, que inclui pesquisas em tecnologia para produção de etanol, mas o executivo não quis dar mais detalhes.

No mundo, o faturamento global da companhia foi de € 4,03 bilhões. O Brasil registrou receita de US\$ 1,03 bilhão. No primeiro trimestre, a receita global da Rhodia foi de € 1,176 bilhão, alta de 23% sobre igual período de 2009. O lucro no período ficou em € 69 milhões.

O modelo econômico brasileiro tem como uma de suas principais características a concentração da renda nas mãos de poucos, o que torna a valorização dos salários uma variável que depende sempre da capacidade de luta e de mobilização dos trabalhadores. Em ano de crescimento econômico e de aumento da lucratividade das empresas, com será o de 2010, só a pressão dos trabalhadores pode garantir uma maior divisão deste bolo.

## DuPont lucra mais e melhora previsões para o ano

A indústria química americana DuPont melhorou sua previsão de ganho para este ano após seu lucro quase triplicar no segundo trimestre. O ganho líquido foi de US\$ 1,16 bilhão (US\$ 1,26 por ação), contra US\$ 417 milhões (US\$ 0,46 por ação) no mesmo período do ano passado. Sem contar fatores extraordinários incluídos nos balanços dos dois intervalos, o lucro do segundo trimestre subiu de US\$ 0,61 por ação em 2009 para US\$ 1,17 por ação agora. Entre esses itens excepcionais estão benefícios fiscais e despesas com reestruturação, demissões e indenizações.

A empresa atribuiu a melhora do desempenho ao maior volume de vendas, aos preços mais elevados, ganhos de produtividade e a uma redução nos impostos. A receita da companhia cresceu 26% na comparação com o segundo trimestre de 2009, para US\$ 8,6 bilhões, amparada pela alta de 21 no volume de vendas.

O maior salto de faturamento, de 53%, ocorreu na divisão de eletrônicos e comunicações, que girou US\$ 657 milhões, com 48% de alta em volume. A unidade de agricultura e nutrição teve a maior receita, de US\$ 3 bilhões, um aumento de 16% em dinheiro e de 12% em volume. A DuPont produz insumos para diversos setores da economia, incluindo produtos químicos, defensivos agrícolas e fotovoltaicos.

Agora, a DuPont espera gerar lucro por ação na faixa de US\$ 2,90 a US\$ 3,05 em todo este ano, excluindo itens não recorrentes. A previsão anterior estava na faixa de US\$ 2,50 a US\$ 2,70 por ação. "A melhora da perspectiva reflete os fortes resultados do segundo trimestre e expectativa de manutenção do crescimento perante o ano passado, devido a maiores vendas, reforço de negócios e ganhos de produtividade", diz comunicado da empresa. A projeção também assume que a unidade farmacêutica terá lucro antes de impostos entre US\$ 460 milhões e US\$ 480 milhões no ano.

Valor Online

## Desemprego atinge mais de 80 milhões de jovens no mundo

A taxa de desemprego entre os jovens no mundo é a mais alta já registrada. Um relatório divulgado nesta quinta-feira (12) pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) mostrou que aproximadamente 80 milhões, em um universo de 620 milhões de jovens economicamente ativos — com idade entre 15 e 24 anos — estavam desempregados até o final de 2009. O documento, "Tendências Mundiais de Emprego para a Juventude — 2010" aponta a crise econômica mundial como o principal fator para o aumento recorde do desemprego.

Em relação ao último levantamento, realizado em 2007, houve um aumento de mais de 1% em relação ao

desemprego. Subiu de 11,9% para 13%. Ainda segundo a OIT, o desemprego entre os jovens deve aumentar durante este ano para 13,1%.

O número de jovens desempregados também é alto nos países ricos. Passou de 8,5 milhões em 2008 a 11,4 milhões em 2009, o que representa um aumento de mais de 34%.

O estudo aponta que os desempregos trarão consequências negativas nas gerações futuras, deixando um legado "geração perdida". Segundo o documento, esses números vão ajudar a "engrossar" às fileiras do desemprego nessa geração que não terá perspectiva futura de emprego.



Fonte: Danilo Augusto, Radioagência NP - de São Paulo